

PEQUENA INTRODUÇÃO À ABORDAGEM LACANIANA DO RISO NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA

Uma primeira versão deste texto foi publicada como: Vieira, M. A. Notas para uma discussão sobre o riso na experiência analítica”, Correio Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, v. 25, p. 18-20, 2000.

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

Resumo

O presente artigo pretende abordar a relação fundamental entre o “cômico” entendido como a experiência do riso a partir da relação com o semelhante e o chiste, o riso a partir da manipulação linguageira do registro simbólico (no sentido que lhe atribui J. Lacan). A partir daí, extraem-se algumas consequências clínicas e teóricas dessa relação. Ou seja, trabalharemos o chiste em sua conexão com o inconsciente fazendo-nos entender a lógica do significante que permeia a experiência psicanalítica.

Palavras-chaves: chiste, Outro, inconsciente, clínica psicanalítica, Lacan.

Abstract

This present article intends to broach the fundamental relation between comic understood as the experience of laughter within the relationships of resemblance and the wit, to be understood in the field of the signifier, the symbolic field in Lacan’s words. Therefore we will analyze the clinic consequence and theoretic its this relation. In other words, we are going to cope the wit in its connection with the unconscious to understand the significant logic which permeate the psychoanalytical experience.

Key words: wit, Other, unconscious, psychoanalytical clinic, Lacan.

O primeiro passo a ser dado para se aproximar do riso a partir da psicanálise é propor uma abordagem específica e restrita. Não vamos dar conta do riso, ou do que e porquê o homem ri. Não vamos tratar do humor como fenômeno geral, o que ficaria acima de nossas pretensões. Nem

mesmo dentro da psicanálise teríamos algo a propor que esgotasse as indicações de Freud sobre o humor e o chiste. Nos restringiremos a algumas retomadas que Jacques Lacan empreendeu dessas indicações buscando desenvolvê-las do um modo mais acessível aos não iniciados à leitura lacaniana de Freud. Tentarei assim estabelecer algumas considerações sobre a relação entre o humor e o inconsciente em sua relação com o que Lacan denomina a ordem significante, isso a partir da distinção freudiana entre o cômico e o chiste.¹

É preciso partir do ponto de vista revolucionário de Freud. Ele não funda suas considerações em uma situação quotidiana, uma imagem privilegiada, um conteúdo destacado da realidade (por exemplo, o riso provocado pela queda de um senhor sisudo que escorrega em uma casca de banana) para em seguida constituir uma lei universal do risível (algo como: “sempre rio quando o outro que me oprimia é posto por terra”).

É o que podemos observar desde as primeiras páginas do livro de Freud sobre o chiste (1905). Freud aborda o *Witz* do ponto de vista formal, interessando-se por sua estrutura linguageira mais do que pelos sentidos que dispõe. Deste ponto de vista formal, lingüístico, Freud já demarca-se de suas referências. Com efeito, Freud começa seu livro discutindo com toda uma série de concepções que já tinham sido aventadas para explicar o chiste. Lacan retoma este ponto restringindo-se a um autor, Theodor Lipps, que incorrerá no mesmo erro dos demais. Apesar de ter o mérito de insistir no que o *Witz* tem de desconcerto e de esclarecimento, Lipps terminará supondo alguma entidade psicológica que se manifestaria no riso e que daria sua verdade. Bergson, também retomado por Lacan neste seminário, parece mais livre da obrigatoriedade da suposição de um porão da humanidade no homem. Ocorre, entretanto que Bergson incorre no mesmo erro ao opor uma força primária, da vida, graça e beleza, ao autômato social, vendo no riso a restauração da harmonia (LACAN J, 1998: 24, 114).

Sabemos que este ponto de partida, de uma hipótese explicativa para o significado do riso, pode ser bastante refinado, como em Bergson, em que o riso restaura a graça da vida onde o automatismo havia petrificado o corpo. Estamos, entretanto, em outro registro metodológico: não o “porque” mas o “como” (neste sentido Freud é um linguista *avant la lettre*). Lacan o diz a seu modo: ‘se queremos entender o significado não partamos dele, ou de sua suposição, senão caímos em um círculo vicioso pois começamos definindo o que queremos definir’ (*ibid*: 169).

Aos partidários do psicologismo Freud responde com a lingüística. Ele, entretanto, não se restringe, como o lingüista, a descrever a combinatória significante na origem do chiste. Freud, como os autores acima, também se interessa pela satisfação especial do chiste, mas ele evita a circularidade denunciada por Lacan por preferir, em vez de considerar antes de qualquer coisa alguma força que se transmite e que extravasa, que se liberta da censura, buscando em uma espécie de significação primordial o segredo do *Witz*, delimitar a lógica própria da combinação literal em jogo. A partir daí ele abre-se a outra concepção deste real primordial, a uma maneira original de lidar com o real, sem constituí-lo como um reino fora da linguagem e oposto a ela. A formação “no” inconsciente pode ser entendida agora não como aí estocada e nem como uma produção deste homenzinho dentro do homem que é o inconsciente, mas como uma produção discursiva em Outra cena. Esta revolução metodológica não é uma intuição miraculosa de um gênio, ou melhor, é a intuição miraculosa de um gênio que parte de um dispositivo revolucionário. Na experiência analítica não lidamos com nenhuma realidade em si, simplesmente porque a eliminamos do dispositivo. Em termos concretos: não tenho casca de banana na entrada do consultório e, mesmo que aconteça uma queda, o acidente só será levado em conta se trazido para o dispositivo e referido a este. Deste modo, só tenho episódios cômicos relatados e não episódios observados. O fundamental é lembrar que, ao nos deslocarmos neste registro, descobrimos não somente que a realidade não existe em si, mas que ela é mediada pelo Outro e secundária à trama da fantasia.

Inverte-se assim a perspectiva: revela-se o caminho constituinte que vai do significante à imagem e desvela-se a importância fundante do simbólico. Na verdade este é o vetor da constituição da realidade e não o contrário. O mundo é feito a partir da imaginização do significante e não da simbolização de imagens ancestrais.

Compreendo que até a leitura lacaniana de Freud esta afirmação causasse espanto pois, mesmo na análise, as imagens se dão aparentemente como primordiais. É fácil ver, entretanto, como elas revelam-se atreladas às marcas do simbólico (a casca de banana se opõe à rigidez do homem sisudo de terno que cai e por isso rimos). Por outro lado, quase posso ouvir “ora, a graça é dependente da cultura, do simbólico, isso já sabemos”. De acordo, mas devemos perceber, sobretudo, que é com o significante que podemos sair da prisão na qual este topos contextual/imaginário que nos constitui pode se transformar. É que o tentarei abordar.

Para concluir esta introdução sobre a revolução freudiana ilustro a força deste procedimento com um exemplo quase caricatural. Suponhamos que encontremos alguém que se vê em um sonho lixando o pé. Não devo buscar qual o significado deste ato, ou deste pé, de quem seria etc. Por outro lado posso e devo aceitar que, pela via associativa, o sujeito chegue a “pé-rapado” e assim toque, não na verdade do sonho (da qual não exigimos existência concreta), mas em um de seus centros irradiadores de sentido/imagens. Com ele abre-se um mundo de outras significações e imagens como por exemplo, a relação do sonhador com seu pai rico, com o pé de guerra em que vivem os dois, etc.. (basta modificar um pouco o exemplo com um pé e um ralador para que se tenha a idéia de como o sonho é um *rébus*, uma carta enigmática, e de como ele aproxima-se do chiste).

Um ser verbal

Uma vez esta posição metodológica estando clara, podemos conceber todo o alcance da descoberta de Freud com relação ao chiste. Ao se interessar pelos mecanismos significantes em jogo, o que ele encontra? Uma criação, um novo ser verbal, um significante-chave que, tal como o pé-rapado, serve para abrir muitas portas, ao menos duas. No caso do chiste isso se dá de maneira purificada, evidente: o exemplo maior é o *familiário*, de Henrich Heine (Freud, 1905), mas podemos citar inúmeros (*aborrecente, trocadalho*) em que ao menos duas cadeias encontram sua articulação em um significante original.

O chiste introduz aqui sua especificidade, indicada por Jacques-Alain Miller (19??:??). Ele é preferido ao sonho porque não se trata somente de demonstrar a supremacia do significante mas de circunscrever como, a partir do significante, se faz o novo, o escândalo da significação anômala. Em outros termos, Lacan se interroga como, a partir do código, da cadeia significante dada para um sujeito, se faz a novidade, outro nome para o real.

Constituindo esta encruzilhada encontramos um quase neologismo. Ele é e não é um neologismo, pois, uma vez enunciado, é imediatamente ratificado e incorporado ao código. Freud indica que nesta operação se estabelece um prazer especial (aqui ele se demarca dos linguistas) e o vincula à uma satisfação compartilhada. É o que vamos tentar esclarecer melhor.

Em vez de partir do cotejamento estabelecido por Lacan entre os exemplos freudianos do *Familiário* e de *Signorelli* resumamos apenas o argumento: Perde-se a idéia central, assim como perde-se “terra” em “aterrorizado”, mas ganha-se uma criatura nova, um ser verbal que mantém o recalcado no horizonte.²

Partamos de uma piada. É o que faz Lacan com a anedota do cavaliño decompondo a estrutura do chiste e demonstrando sua vinculação com o cômico (Lacan, 1998: 106). Não vou recontá-la aqui. Vou preferir, com fins de concisão, uma piada mais de nossa paróquia.

Uma executiva atarefada passa toda manhã por uma construção. Seu olhar sempre cruza o de um peão que a observa. Um certo dia ela escorrega, cai meio descomposta e rapidamente se

levanta, reúne seus papéis e sua pasta e, ao se deparar com o olhar do peão, exclama “viu a ligeireza?” Ao que ele responde: “vi mas não sabia que tinha este nome”.

Podemos dividir esta piada em dois tempos. É necessário um primeiro momento de preparação em que fixa-se o contexto para em seguida introduzir-se uma ruptura no clímax.

Vamos chamar o primeiro momento de cômico (ou se quiserem pastelão), ele inclui os encontros quotidianos entre a executiva e o operário que estabelece todo o jogo, quase um duelo, de comportamentos e posições entre os dois. Assim como na relação entre examinador e examinado da história do cavalinho, todo um mundo constitui os trilhamentos e facilitações, as inibições que fixam os lugares dos dois personagens em jogo, que têm uma dissimetria essencial mas ao mesmo tempo se irmanam em sua submissão a seus papéis. É justamente a quebra da ilusão de fixidez dos papéis que será a alma do cômico (a torta na cara da autoridade, por exemplo e, neste caso, o tombo da moça).

O interessante é que devemos, com Lacan, chamar o segundo momento, momento do diálogo, de momento do chiste, pois encontramos em seu clímax a mesma estrutura de *familiário*. “Ligeireza” aqui é a embreagem que conecta a compostura da executiva com a descompostura que o peão nela enxerga. Este significante-encruzilhada subverte a lógica pré-fixada pela fase de preparação e realiza uma verdadeira *Aufhebung* onde o sentido anterior é mantido renovado e em outro universo. O próprio do chiste é que este significante fundamental seja uma criação verbal já que nele temos a preparação praticamente toda contida no significante encruzilhada. Mas a estrutura em dois tempos pode ser desdobrada, como nesta piada e, neste caso, o significante especial pode apresentar igual propriedade de introdução do novo, mesmo não sendo em si neológico.

Cômico e chiste

Assim, do momento em que isolamos cômico e chiste vemos, com auxílio da piada, sua articulação. Como vemos, trata-se de admitir que todo pastelão tem algo da estrutura do *Witz* em seu clímax assim como todo *Witz* precisa de uma preparação cômica. De certa forma nossa disjunção vai sendo esvaziada (o que não é necessariamente uma tese freudiana já que Freud distingue claramente o cômico do *Witz*, e por isso mesmo é criticado por (Lacan, 1998: 120). Então ficamos com a seguinte proposição: no cômico estamos no registro do imaginário e do pequeno outro, no chiste, do grande Outro. Traduzindo: no cômico trata-se do semelhante, no chiste daquilo que não tem nome (Vieira, 2008: 171). Para que o cômico acabe ou relance sua cadeia sem fim, é preciso *Witz*, assim como todo chiste precisa de um mínimo de contexto para não se dar como puro neologismo.

Continuemos um pouco mais nesta disjunção-conjunção que revelou-se uma submissão do cômico ao chiste e dos dois aos poderes do significante. Isto porque vamos assumir e defender que só se rompe com o contexto rígido pressuposto no universo cômico pelos poderes da palavra. Chaplin, apesar de deslocar-se em um universo mudo, só pode fugir do guarda, estando nas suas costas quando ele pensa tê-lo à sua frente, porque dispõe de algo que lhe permite sair da rigidez dos lugares pré-fixados, onde o perseguidor persegue e o perseguido foge. Este ‘algo’ é justamente a conexão entre os universos contextuais através do significante articulado. Esta quebra da autoridade ocorre porque se passa a um outro registro graças ao significante. Quando o guarda persegue Chaplin este último explora as possibilidades que não estão no contexto, o que só se dá pelo significante e não por um processo interno ao mundo cristalizado do primeiro momento.

Vejamos um exemplo que parece contradizer-nos:

Um naufrágio reúne Sharon Stone e um sujeito, João, em uma ilha deserta. Os dois tornam-se amantes e após alguns meses João está infeliz. Pede a Sharon que ela ajude-o a realizar uma

fantasia vestindo-se de homem. João age como se tivesse acabado de encontrá-la e diz "Zé, você não sabe quem estou comendo".

Utilizo esta piada para argumentar o quanto a relação especular é necessária para que se dê a graça. Aparentemente a piada se concretiza na constituição artificial de um pequeno outro. Porém, sem o sintagma “Sharon Stone”, que comunica o mundo da ilha deserta com o universo machista de uma mesa de bar, por exemplo, nada teríamos.

Mas, sobretudo, com este exemplo percebemos que algo a mais se introduz com o *Witz*. Não podemos dizer que “Sharon Stone” seja apenas um sintagma, assim como, se quisermos ser rigorosos, não podemos dizer que “ligeireza” seja apenas um significante-encruzilhada. No momento em que penetramos neste novo registro nos despedimos do Freud exclusivamente linguista e do Lacan exclusivamente estruturalista.

Com efeito, até aqui podemos ter chocado o essencialista que achava que a graça reside na vida, mas não o estruturalista que vê nas rupturas e rearrumações do discurso, ou seja na animação da vida pelo significante, o mundo humano. Mas não ficaremos apenas neste plano. Como Freud indica ao interessar-se pela satisfação especial do chiste, o importante é lembrar que todo o interesse desta dialética é que ela se mostra triádica e não dicotômica. Em vez de semelhança e sem nome, há o semelham, que Lacan denomina imaginário, do desconhecido ou sem imagem, simbólico e da satisfação em jogo, o real (Lacan, 2007:32).

Vejamos. Ao passar da compostura para a descompostura, ao apontar a falha na compostura feminina, o peão aponta para alguma coisa outra. Esta coisa é criada e constituída, no momento do *Witz*, como um ser. Em outros termos, podemos dizer que “ligeireza” vai trazer à cena a Coisa em sua forma disforme, ou ainda que, com a “ligeireza”, o objeto se materializa em sua aparição-desaparição (tal como a prima de Heine, proibida de casar-se com ele por seu pai, o tio milionário do autor do chiste).

O Outro é forçado a inserir o objeto, como um clarão, em uma cadeia ao ratificar o neologismo do *Witz* como mensagem, donde o gozo, localizado e compartilhado, obtido. O real está neste gozo condensado, obtido através de uma vitória parcial sobre o Outro. Esta vitória não será mais entendida como a derisão imaginária do outro, tal como nas teorias psicológicas do riso, mas como torção sobre o cristal da língua que introduz o objeto (que é a mesma operação apenas mais claramente situada desta forma).

O objeto, “a”, para Lacan é isso, este ser que só existe no gozo que apaga seu nome, mas que terá sido, assim, nomeado (Vieira, 2008). “Ligeireza” e “Sharon Stone”, são nomes do objeto que marcam uma vitória sobre o Outro, sobre a impossibilidade estrutural de dizer o que causa meu gozo.

Acontece entretanto que a vitória é ao mesmo tempo uma derrota, pois não há saída para o sujeito a não ser submeter-se a esta relação em que o objeto só pode “ser em gozo” uma vez submetido ao significante e parcialmente perdido (o humor judeu o exemplifica bem: a auto-depreciação é ao mesmo tempo separação parcial de um certo “ser judeu” e a constituição de uma falha neste Outro do judaísmo). A psicose se insere na ultrapassagem deste limite enquanto trágica vitória. Neste ponto limite a vitória sobre o Outro o desfaz em enxame caótico, derrota que implode a realidade. Esta pode então se rearrumar paranoicamente, de maneira fixa e por isso mesmo perigosa, ou ainda melancólica, fixa e morta.

Concluo assim com dois fragmentos de casos, citados na conversação de Arcachon (Miller, 1998). Escolhi-os porque são casos de psicóticos engraçados mas que em sua montagem, falam da estrutura mais geral da linguagem.

- O primeiro caso é o de uma senhora engraçada, filha de um conhecido animador de salão. Tudo vai bem apenas enquanto ela pode fazer rir assim como o pai fazia. Vê-se o quanto seu contexto é fixo quando algo falha em sua atividade social. Ela cai em um estado melancólico

profundo. Se lhe falta a ratificação quase permanente do Outro pelo seu riso temos a ruína melancólica do mundo, em que o delírio vem fixar as coisas de maneira congelada e morta.

- O segundo caso é o de um rapaz que envia ao Outro mensagens que não o são porque não partem de um Outro constituído (“meu braço foi engolido pelo caixa 24 hs”, “me enforquei no dia 24 de maio”). Com a evolução percebe-se que só quando o Outro endossa algumas destas mensagens interrompidas ele consegue, a posteriori, fixar o contexto de onde estas mensagens poderiam ter partido. É o que o permite agora se situar. A piada nasce assim ao contrário, mas se dá, no fim das contas, como piada (“me enforquei no dia 24 de maio, foi o dia em que me casei”). O Outro não estava lá. Ao se endereçar ao Outro, este rapaz tem em retorno a possibilidade, com a resposta que lhe advém deste lugar, que não é sua mensagem invertida como na neurose, de fixá-lo e, fazendo-o, reconstituir o mundo.

Nos dois casos o riso foi fundamental. Nos dois casos aprendemos que o inconsciente não é sério (se com seriedade entendemos o respeito às significações fixas do mundo), mas rigoroso porque segue implacavelmente as leis significantes que situam trágicamente a existência humana na corda bamba do real.

Percebo também, ao concluir este texto e receber do Outro minha mensagem invertida, que quis aqui me aproximar deste rigor do inconsciente, desta proeza realizada pela análise, que consiste em destrinchar uma piada sem que ela perca a graça. Com efeito, se aproximamos uma piada de uma história, que poderia ser uma história pessoal, vemos que a análise pode ser definida como o longo trabalho de destrinchamento de anedotas que, em sua maior parte tem sua importância esvaziada, mas que no entanto não perdem a graça. Este trabalho de decomposição mantém, nas partículas reduzidas que restam, os elementos fundamentais de articulação de gozo que permitem a um sujeito manter viva a pulsação que as anima e as articula em cadeias, abertas ao riso, lágrimas e além.

Referências

Miller, J.-A. *Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica: a conversação de Archon*, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.

Perspectivas do Seminário 5 de Lacan, Rio de Janeiro, JZE, 1999.

Lacan, J. *O Seminário, livro 5 - As formações do inconsciente*, Rio de Janeiro, JZE, 1998.

O Seminário, livro 23 - O sinthoma, Rio de Janeiro, JZE, 2007.

Freud, S. (1905). *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, v. VIII, 1977.

Kupermann, D. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Vieira, M. A. Sobre o Seminário 5 de Jacques Lacan e sua teoria clínica da significação, in: Motta, M. Jimenez, S. (org.) *O desejo é o diabo*, Rio de Janeiro Contra Capa, 1999, pp. 87-100.

Restos - uma introdução ao objeto lacaniano da psicanálise, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008.

Título pleno em português:

Pequena introdução à abordagem lacaniana do riso na experiência analítica

Sugestão de título abreviado:

Introdução à abordagem lacaniana do riso

Título pleno em inglês:

Laughing – a small lacanian introduction

Nome do autor, seguido por afiliação institucional:

Marcus André Vieira – psicanalista AME da Escola Brasileira de Psicanálise, professor assistente do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Para envio de correspondência:

Marcus André Vieira

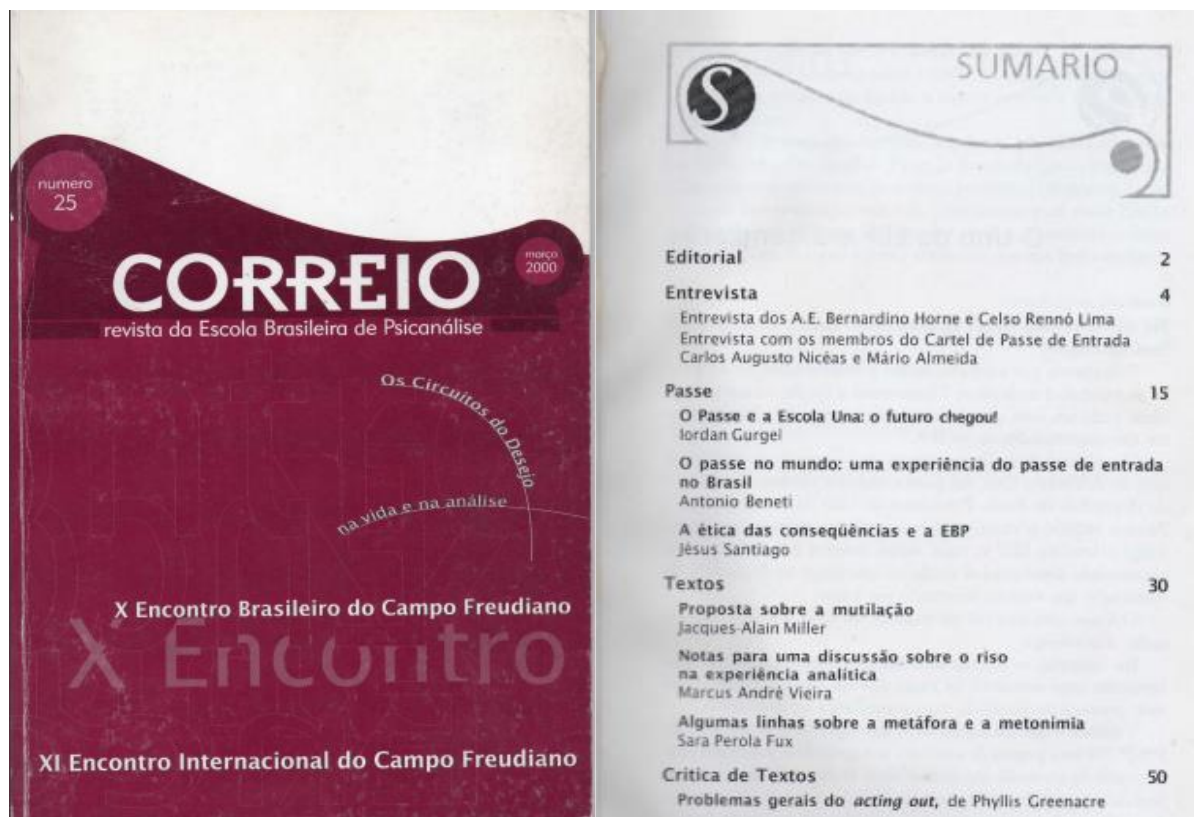
Rua Almirante Salgado, 377, Laranjeiras

22240-170 - Rio de Janeiro - RJ

Tel/fax: 35115969 Email: mav@litura.com.br

Fatos de divulgação:

Este artigo é fruto da pesquisa “Aplicações da psicanálise em situações de violência cotidiana” desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com o apoio do CNPq e da Faperj.



¹ Para uma abordagem mais exaustiva do fenômeno do ponto de vista de Freud dentre as inúmeras obras de valor remeto à Kuperman (2003).

² Tive que alterar aqui o exemplo de Lacan, buscando o radical *terra* e não *terrore* em “aterrorizado” para manter a força da operação indicada por Lacan. Cf. quanto a este ponto LACAN J, *op. cit.* p. 35 (nota de tradução). Notemos, além disso, que este ser verbal criado pela metáfora do chiste tem uma essência própria descrita por Gide em seu *Prometé mal enchainé* no personagem de Zeus, o banqueiro miglionário. Cf. LACAN, J. *Op. cit.* p. 54 e seguintes.